

## A IDEOLOGIA DO COTIDIANO E OS SISTEMAS FORMALIZADOS: QUANDO OS ENCONTROS IDEOLÓGICOS SÃO MATERIALIZADOS NA ESCRITA DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniela Campregher\*  
Fabiana Giovani\*\*

**Resumo:** À luz da perspectiva teórica formulada por Mikhail Bakhtin e seu Círculo, propomos uma investigação de como a ideologia emerge das produções escritas de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste trabalho, concebemos a linguagem como interação social e assumimos que a escrita se caracteriza como interlocução entre leitor e escritor. Partimos, portanto, do pressuposto de que os discursos, materializados em enunciados, sejam das esferas da vida cotidiana ou das esferas mais sistematizadas, são constituídos ideologicamente. A análise do texto guiada pela metodologia do Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1989) evidencia, através dos indícios deixados, a forte influência da ideologia cotidiana nos escritos, em contrapartida de, já na infância, ressoar influências de estruturas mais complexas.

**Palavras-chave:** Círculo de Bakhtin. Escrita. Ideologia. Paradigma Indiciário.

## THE IDEOLOGY OF EVERYDAY LIFE AND THE FORMALIZED SYSTEMS: WHEN IDEOLOGICAL ENCOUNTERS ARE MATERIALIZED IN THE WRITING OF ELEMENTARY SCHOOL CHILDREN

**Abstract:** In accordance with the theoretical perspective formulated by Mikhail Bakhtin, we propose to develop an investigation of how ideology emerges from the written productions of elementary school children. In this proposal, we consider language as a social interaction and we assume that writing is characterized as an interlocution between reader and writer. Therefore, we assume that discourses, materialized in statements, either the spheres of everyday life or from more systematized spheres, are ideologically constituted. The analysis of the children's productions, guided by the methodology of the Evidential Paradigm (Ginzburg, 1989), shows through the signs the strong influence of everyday ideology in the writings, in contrast to the influences of more complex structures that already resonate in childhood.

**Keywords:** Bakhtin Circle. Writing. Ideology. Evidential Paradigm.

## Um pontapé inicial

O Círculo de Bakhtin buscava explicitamente o construto de uma filosofia da linguagem que se debruçasse sobre o signo ideológico. Os estudiosos procuravam compreender como os discursos, materializados em enunciados, sejam das esferas da vida cotidiana ou das esferas mais sistematizadas, são constituídos ideologicamente, além de como ocorre a relação entre linguagem e ideologia. Em Marxismo e Filosofia da Linguagem essas questões são aprofundadas e postula-se a não neutralidade dos discursos, uma vez que são marcados pela valoração de uma dada ideologia e pela palavra, “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (Bakhtin, 2006, p. 40). Volóchinov (2013, p. 224) afirmava que:

Por ideologia entendemos a totalidade das reflexões e interpretações da realidade social e natural que acontecem no cérebro do homem, materializados por meio de palavras, desenhos, diagramas ou outras formas sínscias.

Assim, desponta no seio de tais estudos a concepção de *ideologia do cotidiano*, correspondente à totalidade da atividade centrada sobre a vida mais imediata, apresentando-se como um sistema pouco formalizado; e os *sistemas ideológicos formalizados*, que partindo da ideologia do cotidiano, e uma vez constituídos, exercem forte influência sobre essa. Todas estas organizações são concebidas de modo social, exterior, afastando-se de concepções subjetivistas e/ou individualistas:

A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social. A elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social. Cada elo dessa cadeia é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução (Bakhtin, 2006, p.124).

Levando em consideração tal construto teórico, o presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira a *ideologia do cotidiano* e os *sistemas ideológicos formalizados* – a ideologia oficial – emergem das produções escritas de crianças do Ensino Fundamental - Anos Iniciais<sup>1</sup>. Acreditamos que a palavra, enquanto signo

ideológico que reflete e refrata uma realidade (Bakhtin, 2006) e aqui concretizada nas escritas de crianças, “constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica” (Bakhtin, 2006, p. 40).

Os textos analisados foram produzidos através de uma Oficina de Escrita que primou pela autonomia das crianças: um *eu* inserido em um contexto sócio-histórico-discursivo que carrega traços de um *outro*. Afastamo-nos de sistemas avaliativos tradicionais e estanques, em busca da autenticidade própria de um olhar para a escrita em constituição. Para isso, foram utilizados os pressupostos da metodologia do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), uma vez que através de “pistas” ou “indícios” reveladores dos fenômenos da realidade, em concordância com a teoria de Bakhtin e de seu Círculo, permitimo-nos um olhar profundo sobre a vida e a linguagem:

Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios- que permitem decifrá-la. [...] Alguns indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade (Ginzburg, 1989, p. 177- 178).

O artigo está organizado da seguinte maneira: primeiro, adentramos nas bases teóricas de nossa concepção, enfatizando o caráter ideológico do signo; depois, seguimos as trilhas da metodologia do Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1989); chegamos, então, na imersão dos textos produzidos por duas crianças do Ensino Fundamental- Anos Iniciais, e, por fim, fazemos as considerações finais.

## 1 Trilhando caminhos teóricos

O conceito de ideologia atravessa as discussões acerca da linguagem no Círculo de Bakhtin. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), em busca de uma construção teórica materialista de criação linguístico-ideológica (Acosta Pereira; Rodrigues, 2014, p. 177), uma das maiores preocupações levantadas seria de que maneira a linguagem está inserida no quadro das relações sociais e das mudanças históricas. Em outras palavras, “a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber como a realidade (a infraestrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (Bakhtin, 2006, p. 40). Neste

trabalho, especificamente, nos debruçamos sobre o conceito de ideologia enquanto campo dos signos, uma vez que a palavra:

[...] penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (Bakhtin, 2006, p. 40).

Para compreendermos o vínculo ideológico compenetrado nos signos, precisamos retomar a relação entre a infraestrutura e a superestrutura. Para o Círculo, a ideologia é um elemento de formação social, uma das partes em que se subdivide a sua superestrutura, que é determinada, ainda que indiretamente, pela base econômica (Narzetti, 2013, p. 367). Tais sistemas ideológicos constituídos referentes à superestrutura correspondem às “esferas da criação ideológica” – a religião, a ciência, a filosofia, o direito, a arte, a moral etc., – sendo esses campos caracterizados por serem mais fortemente sistematizados. Os fenômenos superestruturais seriam manifestações ou revelações da essência humana, formas de fenômenos sociais complexos em sua ‘estrutura’ interior, haja vista que se constituem de objetos materiais, organizações humanas, combinações de conceitos, ideias e sentimentos. Segundo Narzetti (2013), todos esses elementos, organizados em coletivos, dizem respeito: (i) à estrutura política e social da sociedade; (ii) à ideologia social; (iii) aos costumes; (iv) às leis e outras formas de manifestações.

Numa dada sociedade, não há apenas uma esfera ideológica tal como um conjunto único e indivisível de elementos, no entanto, há uma tendência predominante que, geralmente, está sob o domínio das classes dominantes, apontada como ideologia oficial. Deste modo, a classe dominante tende a conferir-lhes um caráter inatingível, “a fim de ocultar/abafar a luta dos índices sociais de valor que neles se travam e de apagar a plurivalência dos signos, apresentando-os como monovalentes” (Acosta Pereira; Rodrigues, 2014, p. 179). Portanto, a ideologia oficial, no sistema econômico capitalista, tende a ser produzida por aqueles que ditam o poder.

Miotello (2005), por sua vez, aborda a relação entre ideologia do cotidiano e oficial da seguinte maneira: a ideologia oficial, dominante e estável, busca implantar uma concepção única de produção de mundo, ao passo que a ideologia do cotidiano surge e se constitui em encontros casuais e relativamente instáveis, próximos

socialmente das condições de produção e reprodução da vida. Tal contexto, por seu turno, reflete e refrata a realidade social objetiva e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas, dando significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados conscientes (Volóchinov, 2013). Portanto, existiria um embate entre as ideologias, emergindo-se nos signos.

Quando pensamos no conceito de ideologia do cotidiano, o Círculo a concebe como a instância mais próxima das relações de produção, manifestando-se de modo menos sistematizado:

Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência (Bakhtin, 2006, p. 121).

A ideologia do cotidiano, segundo os estudos do Círculo, é materializada sob a forma de interação verbal, totalmente contrária à ideia de algo interior, individual e/ou subjetivo. “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (Bakhtin, 2006, p. 123-124). Em adição, determinadas formas de interação verbal e de gêneros discursivos estão ligadas à ideologia do cotidiano, como as conversas de corredor, as trocas de opiniões, os encontros informais. Por outro lado, há interações permeadas de maiores sistematizações, como um romance ou uma conferência científica, próprias de esferas complexificadas. Porém, os gêneros dessas esferas nascem e transformam-se partindo de gêneros da vida cotidiana. Desta maneira, o estudo do signo ideológico permite observar mais facilmente e de forma mais profunda a continuidade do processo dialético de evolução que vai da infraestrutura às superestruturas (Bakhtin, 2006, p. 46).

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como

morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva (Bakhtin, 2006, p. 46).

Portanto, os sistemas ideológicos constituídos e a ideologia do cotidiano estabelecem uma relação de mão dupla:

Os objetos surgidos na ideologia do cotidiano constituem o material sobre o qual trabalham os sistemas ideológicos visando a sua sistematização, estabilização e acabamento. Por seu turno, a ideologia do cotidiano, recebendo de volta esses objetos sistematizados e acabados, é por eles determinada em algum grau. No entanto, esta última também atua como o lugar onde esses objetos são continuamente testados e avaliados, onde eles estabelecem vínculos com a consciência dos indivíduos (Narzetti, 2013, p. 375-376).

Para Bakhtin (2006), a ideologia do cotidiano seria o elo entre a infraestrutura e os sistemas ideológicos constituídos, sendo que essa ligação ocorreria por meio da linguagem verbal – os signos – haja vista que são onipresentes na sociedade. “Os signos são elementos constitutivos da ideologia, não são apenas uma parte da realidade, mas refletem e refratam uma outra realidade, sendo que o campo ideológico coincide com o campo dos signos” (Bakhtin, 2006, p. 93). Deste modo, Bakhtin defende que a palavra deve ser o centro no estudo da ideologia, dado que ao estudá-la se permite a observação das transformações que, provindas da infraestrutura, chegam às superestruturas e daí exercem efeitos.

Acreditamos, assim sendo, em uma análise que vá para além dos enunciados de esferas mais sistematizadas – relacionadas à ideologia oficial – ao voltar-se para aqueles que nascem e se recriam na vida cotidiana. Entendemos que “o discurso verbal é claramente não autossuficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação” (Bakhtin, 1997, p. 4). Desta maneira, o enunciado, isto é, a unidade real da comunicação discursiva (Bakhtin, 1997), é a língua materializada, sendo sua manifestação oral ou escrita. Os enunciados são concretos e irrepetíveis: estão sempre num gênero, em uma atividade real de comunicação e nascem com um propósito.

Pontuamos, ainda, que em consonância com os estudos do Círculo, entendemos que é só no contato do significado linguístico com a realidade concreta

que se gera o dito: nossa emoção, nossos juízos de valor, nosso tom emotivo-volitivo, apenas surgem e se concretizam no emprego vivo da língua (Acosta Pereira; Rodrigues, 2014, p. 185). O que queremos enfatizar é que qualquer que seja o enunciado, seja das esferas mais comezinhas ou mais sistematizadas, carregará sempre as marcas de um eu ideológico situado historicamente: “Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados” (Bakhtin, 2006, p. 43). Cada sujeito está imerso em um complexo de signos que foram antes de outrem e tornam-se seus, proferidos em interpelação aos outros em forma de diálogo. Fora do enunciado concreto não há signo: o enunciado, como unidade da comunicação concreta viva, “[...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros. O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro” (Bakhtin, 1997, p. 295).

## 2 As marcas cronotópicas

Não podemos deixar de esboçar, ainda, o vínculo entre o enunciado e a situação social concreta, constituindo-se indispensável para a compreensão de seu sentido. Neste caminho, vamos além de fatores estritamente verbais, levando em consideração as relações cronotópicas de cada interação. Conceito debatido, principalmente, na obra *Questão de literatura e de estética*, o cronotopo seria a relação tempo-espacó envolvida na produção do discurso. Em outras palavras, o estudo do cronotopo é apreendido como maneira de compreender as experiências sociais, históricas e culturalmente construídas:

O cronotopo liga-se ao que Bakhtin denomina “grande temporalidade”, podendo, portanto, ser conceituado como “a expressão de um grande tempo”. Enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, pois é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos acontecimentos (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2009, p. 25, grifo dos autores).

Conforme Bakhtin, cada cronotopo pode incluir outros cronotopos, incorporando-se um ao outro, coexistindo, entrelaçando-se, permutando,

confrontando-se, opondo-se ou se encontrando nas inter-relações mais complexas. A compreensão de tempo, por essa perspectiva, traz consigo uma concepção histórica de humanidade. Deste modo, a cada nova temporalidade, temos a correspondência de um novo ser. Isto quer dizer que não podemos desassociar as vivências únicas de seus respectivos momentos históricos, da relação tempo-espacó que permeia as relações humanas. Para tanto, os estudos nessa área preocupam-se, também, em entender de que forma o cronotopo representa os eventos e a imagem do homem, “[...] o gênero do discurso e seu cronotopo fazem parte da compreensão das ações e dos eventos de uma sociedade particular, na medida em que dessa relação podemos entender as ações humanas” (Acosta Pereira; Rodrigues, 2014, p. 187). O trabalho com o cronotopo, portanto, abre a possibilidade de descobertas múltiplas acerca da relação entre os sujeitos, os enunciados e as ideologias que carregam os seus ditos. Para compreendermos de que maneira a ideologia e os eventos cronotópicos influenciam e constituem os enunciados escritos de crianças do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, é preciso:

Considerar a criança como sujeito autor em constituição, que se apropria do texto escrito na/a partir da interação com a escrita e, principalmente, com o outro, é compreender melhor as representações dos aprendizes sobre o texto escrito, as hipóteses que eles (re)elaboram, as particularidades e convergências de seus percursos marcados por uma subjetividade socialmente constituída [...] (Giovani, 2010, p. 20).

Por esse ângulo, mergulhar no mundo da escrita – mais especificamente a escrita em constituição – é unir vozes, é buscar a alteridade<sup>ii</sup>, a relação constitutiva do eu-outro. “O sujeito que escreve não entra nesse espaço mudo, mas na sua singularidade, na sua alteridade como outro do outro, inscreve – como ser no mundo –, sua palavra ou contrapalavra, sem escapatórias. Dizer é, portanto, dizer com o outro, é embate de pontos de vista” (Bortolotto; Giovani, 2023, p. 8749). Por essa perspectiva, acreditamos que a alfabetização, nos Anos Iniciais, deve ser pautada fundamentalmente no texto (Giovani, 2019), na leitura e na escrita, sendo estas a porta de entrada das crianças no mundo institucionalizado e em campos mais sistematizados da sociedade.

### 3 Um percurso metodológico

Estamos de acordo que qualquer trabalho de análise requer um caminho metodológico que guie esta investigação. Para isso, em diálogo com a teoria bakhtiniana, o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989) surge como um modelo epistemológico que se volta aos indícios, cuja raiz se encontra no princípio das práticas humanas tais como a caça: “O caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (Ginzburg, 1989, p. 152).

Trata-se, então, de um modelo voltado para análise de pormenores, que, primeiramente, singulariza o objeto de pesquisa e constrói, com esse intuito, um caminho interpretativo partindo dos dados coletados. Reconhecemos a metodologia de pesquisa indiciária como coerente à concepção de ciências humanas, uma vez que “o critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração. Nesse caso o conhecimento está voltado para o individual” (Bakhtin, 1997, p. 58). Em consonância, Geraldi (2012) defende que ao aceitar que *todo enunciado é único, mas nenhum isolado* (Seriot, 2009), abandonamos a posição que somente admite como científico aquilo que é imutável. Pelo contrário, primamos pela singularidade, o caráter único e *irrepetível* da enunciação de cada sujeito em sua discursividade. Reconhecemos, então, que uma pesquisa não se desenvolve a partir de um olhar neutro, mas está sob o escopo da filiação do pesquisador, um *eu* ideológico situado no tempo e no espaço, que se posiciona diante do evento analisado:

Nesse lugar, é inquestionável o papel do HUMANO, já que o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Nessa condição, o ser pesquisado é inesgotável em seu sentido e significado. Dessa forma, quando se realiza pesquisa em ciências humanas, o pesquisador depara-se com indícios que direcionam o seu olhar a alguma interpretação e isso está bem longe de ser sinônimo de exatidão (Giovani, 2018, p. 130).

Ao adotarmos o Paradigma Indiciário como metodologia, propomos buscar indícios da ideologia do cotidiano bem como das esferas mais sistematizadas através de marcas cronotópicas na produção escrita de textos de crianças, e por meio da formulação de hipóteses, tecer sentidos provisórios para este fenômeno, rastreando

pistas possíveis do signo ideológico presente em seus escritos. Ressaltamos, porém, que se tratando de indícios, não há como estabelecer um grau de rigor como preconizado nas ciências galileanas. Em adicional, é necessário entender que a escolha de trazer à tona um ou outro indício não significará a inexistência de outros também disponíveis nos textos estudados.

Deste modo, a proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores (Ginzburg, 1989, p. 49) é capaz de formular, por meio de um raciocínio abdutivo, hipóteses com as quais se constroem sentidos provisórios (Bortolotto; Giovani, 2023, p. 8751). Nossa opção metodológica revela um caráter *heterocientífico* do saber, dotado de suas próprias leis e critérios internos de exatidão (BAKHTIN, 1997, p. 403), alinhada à complexidade que requer o ser humano. Atravessando esse rigor flexível, buscamos reconstituir um cenário analítico. “Agindo assim sucessivamente, como um detetive, chega-se a um sentido construído com base em argumentos coerentes e consistentes. Este sentido não esgota os sentidos possíveis – que são inacabáveis – mas é aquele a que se chegou operando com os dados disponíveis no momento da pesquisa” (Geraldi, 2012, p. 35). Face do exposto, iremos em busca da interpretação de sentidos de textos de duas crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma com 8 anos de idade e outra com 9 anos – no 3º ano e no 4º ano, respectivamente. Abertas para o comentário do investigador, admitimos que a interpretação não é neutra e não pretende ser (Geraldi, 2012).

Ademais, como bem exposto por Bakhtin (1997), é preciso que o estudioso da área de linguagens se detenha em análises que cotejam textos com textos:

Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo. Etapas da progressão dialógica da compreensão; o ponto de partida – o texto dado, para trás – os contextos passados, para frente – a presunção do contexto futuro (Bakhtin, 1997, p. 405).

Faz-se importante contextualizar as circunstâncias em que os estudantes dos Anos Iniciais elaboraram os textos sob os quais iremos desencadear posições interpretativas. Realizamos uma oficina de produção textual baseada no quadro *Agora é sua vez* do programa televisivo *Quintal da Cultura*, no qual os apresentadores constroem uma história a partir de imagens e/ou objetos sorteados aleatoriamente:

um apresentador retira um objeto da caixa e precisa iniciar uma narrativa relacionada a tal objeto, o seguinte retira outro e continua a história, o terceiro retira o último e a finaliza. Adaptamos a dinâmica utilizando uma “caixa de surpresas” que continha objetos do cotidiano das crianças: bola de futebol, binóculo de brinquedo, revista de passatempo, doces, celular, dentre outros. A interação se deu de forma individualizada entre as crianças. Apesar de não sabermos de antemão como seria o diálogo das crianças com os objetos, as escolhas foram motivadas pelas preferências das crianças, uma vez que ambas faziam parte do convívio com as pesquisadoras. Ademais, considerou-se a escrita como um processo de interação e as crianças enquanto sujeitos, em que cada sujeito é considerado fonte de seu dizer, aquele que diz, sabe o que diz e tem consciência de seu ato (Geraldi, 2001). De tal modo, no processo constitutivo entre os autores (as crianças) e os leitores (as pesquisadoras), um dos aspectos analisados é de que forma cada sujeito se coloca como fonte de sua própria voz e de sua vivência na escrita.

O texto é enunciação projetada pelo autor, continuada ad infinitum e perpetuada pelo leitor, um exercendo influência sobre o outro (...) Através do processo de interação sujeito/linguagem gerado pela leitura, o leitor será co-produtor do texto, completando-o com sua bagagem histórico-cultural (Dell'Isola, 1996, p.73).

A proposta de produção para ambas foi realizada em ambientes confortáveis e conhecidos pelas crianças, sendo enfatizado que não haveria nenhum tipo de avaliação institucional nem delimitação do gênero discursivo ao qual devessem se adequar, deixando livre para que escrevessem da maneira que se sentissem mais à vontade.

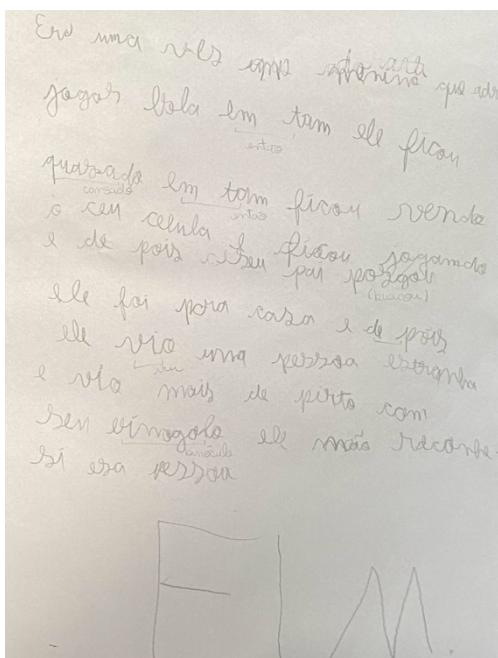
A atividade de escrita consistia na criação de uma narrativa que contivesse, de algum modo, os objetos sorteados da caixa. A temática também ficava sob autoria dos estudantes, uma vez que poderiam se mover por qualquer tipo de criação, desde que nela se fizessem presentes os itens. Assim sendo, na primeira interação realizada, quatro elementos foram sorteados: o celular, o binóculo, a bola e um carrinho de brinquedo. Na interação com a outra criança, decidimos circunscrever os mesmos objetos para construirmos uma análise interpretativa mais coerente com nossos objetivos. Ambas as crianças, por meio da autonomia dada na escrita, aceitaram a proposta e elaboraram os textos que analisaremos na próxima seção.

#### 4 O signo ideológico nos escritos de crianças

Se em toda expressão há uma orientação constituída socialmente, então na escrita não seria diferente, sendo essa determinada pelos participantes do acontecimento do enunciado, sejam eles participantes próximos e/ou remotos (Volóchinov, 2013). No caso do convite lançado às crianças para a produção escrita, colocamo-nos no papel de interlocutoras. A interlocução ocorria por meio de questionamentos que fazíamos à medida em que elas escolhiam os objetos da caixa surpresa. A palavra enquanto signo ideológico puro que registra variações de relações sociais e indica mudanças ocorridas na sociedade é um poderoso instrumento de análise, uma vez que age como uma memória social, tecida por milhares de fios ideológicos e contraditórios entre si, constituindo-se em todos os campos de relações dialógicas dos conflitos sociais (Miotello, 2005).

Deste modo, as produções escritas de crianças do Ensino Fundamental – Anos Iniciais não deixam de carregar material ideológico, de valoração, de determinação social e histórica. Tentaremos encontrar por meio de vestígios (Ginzburg, 1989) de que maneira a ideologia emerge de tais escritos. Segue a primeira produção:

**Figura 1:** Produção textual de M



**Fonte:** Elaborada pelas autoras.

Para além de uma análise estritamente gramatical do escrito<sup>iii</sup>, tecemos pistas baseadas no conteúdo que carrega as suas palavras. Chamaremos o pequeno autor de M: M tem 8 anos de idade e estuda no 3º ano de um colégio particular da cidade de Florianópolis (SC). O seu texto, pautado na atividade de sorteio de objetos (carrinho, binóculos, celular e bola) foi realizado sem interferência e/ou mediação durante o processo de construção. Enquanto escrevia, a criança se mostrava bastante preocupada em incluir os objetos selecionados, olhando-os diversas vezes.

A história se inicia com um “Era uma vez”, estrutura composicional característica dos contos de fada. Isto nos leva a pensar de que maneira está imerso nesse universo literário, muito provavelmente, tanto em ambiente escolar como domiciliar. M faz uma breve apresentação: um menino que adorava jogar bola. Observamos nesta frase borrões, marcas de conflitos travados com a escrita. Sob nossa ótica, este representa um bom sinal, dado que remonta a interação da criança com esta modalidade através de momentos de pausas, tentativas e reescritas. Geraldí durante a década de 1980 já defende a máxima de que para escrever, deve haver um sentido. Para o autor, a boa expressão escrita não é devida ao conhecimento da teoria sobre a língua (sua gramaticalização, sua metalinguagem) mas sim à vivência da escrita, dado que “para aprender a escrever é preciso escrever” (Geraldí, 1997, p. 30).

M, ao construir sua narrativa, descreve o personagem, realizando uma sequência de ações: “então ele ficou quasado [cansado] então ficou vendo o seu celular e ficou jogando [...].”<sup>iv</sup> Desta maneira, torna-se impossível para nós desvincularmos as experiências que o autor carrega e o conteúdo de sua palavra. Através de pequenas pistas deixadas, a ideologia cotidiana emerge de suas vivências para com a escrita: certamente M, em suas práticas sociais, sejam domiciliares e/ou escolares, depara-se com o uso de tecnologias, neste caso, jogos eletrônicos.

Para tanto, as marcas cronotópicas de uma sociedade marcada pelo avanço e necessidades tecnológicas se fazem aqui presente. Uma criança ainda da década passada, muito provavelmente, não escreveria sobre o entretenimento por meio do celular, por exemplo. Da mesma maneira, dificilmente uma criança que vem de um contexto urbano desta geração escreveria sobre cantigas, a não ser que seja imersa nessa realidade em alguma esfera da sociedade da qual faz parte.

M continua o encadeamento de atos: “[...] e depois seu pai posgou [buscou] ele foi para casa [...]. Faremos, primeiro, uma ressalva: as pesquisadoras conhecem, mesmo que de maneira mínima, a realidade do estudante. Deste modo, pontuamos a relevância pela escolha do *pai* como agente que busca o personagem, uma vez que essa é a realidade mais próxima de M em suas vivências, efetivando a ideologia enquanto demonstração do real:

[...] todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior (Bakhtin, 2006, p. 57).

Outro indício interessante é que, ao questionarmos em qual momento da história aparece o carro, um dos objetos sorteados por M, a criança afirma “está na parte em que o pai buscou ele [o personagem].” Ou seja, para M o ato de buscar está relacionado, intrinsecamente, a um carro (e não a uma moto ou ônibus, por exemplo). A palavra não foi corporificada por meio da escrita em seu texto, mas afirmada de tal forma como obviedade, uma vez que, como exposto por Bakhtin “[...] o signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto, sociológico e significante” (Bakhtin, 2006, p. 56). Não conseguimos deixar de pensar, diante disso, o quanto a sua ideologia cotidiana, aquilo que faz parte das trocas mais íntimas, emerge em seus escritos através de uma consciência social, sendo outras realidades desconhecidas e até mesmo desconsideradas:

Com isso, a nosso ver, há uma relação inextricável entre o tempo, o espaço e os valores que perpassam, constituem ou se confrontam nessa relação. O estudo do cronotopo, a partir disso, possibilita descobertas múltiplas sobre a relação entre as pessoas, seus enunciados, os valores que carregam em seus enunciados e seus eventos. Além disso, podemos entender que o cronotopo, mais do que ser apenas responsável pela orquestração indissolúvel do tempo e espaço presente nos eventos do homem, é, de fato, o campo de visão axiologicamente marcado para esses eventos (Bakhtin, 1985 [1928], p. 134).

Já as últimas frases de M aparecem mais como forma de esboçar o que foi solicitado pelas pesquisadoras: “e depois ele viu [viu] uma pessoa estranha e viu [viu] mais de perto com seu binogolo [binóculo] ele não reconheceu essa pessoa”. Unindo os rastros deixados em sua produção, M trabalha com uma exposição de ideias que prioriza sua realidade mais próxima, aquilo que está encharcado em seu cotidiano:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. **A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.** É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 2006, p. 96, grifos nossos).

Pontuamos, porém, que a instância escolar ou mesmo familiar da criança também tem papel fundamental de influência em seu ato de escrita. A preocupação demonstrada por M, em diversos momentos, ecoava em perguntas como “são quantas linhas que devo escrever?”, “eu não sei como escrever essa palavra...”, “está certo assim?”. Parece-nos, por tais sinais, que a escrita é concebida pelo pequeno autor como uma redação, isto é, de modo instrucional, mecânico, estritamente avaliativo.

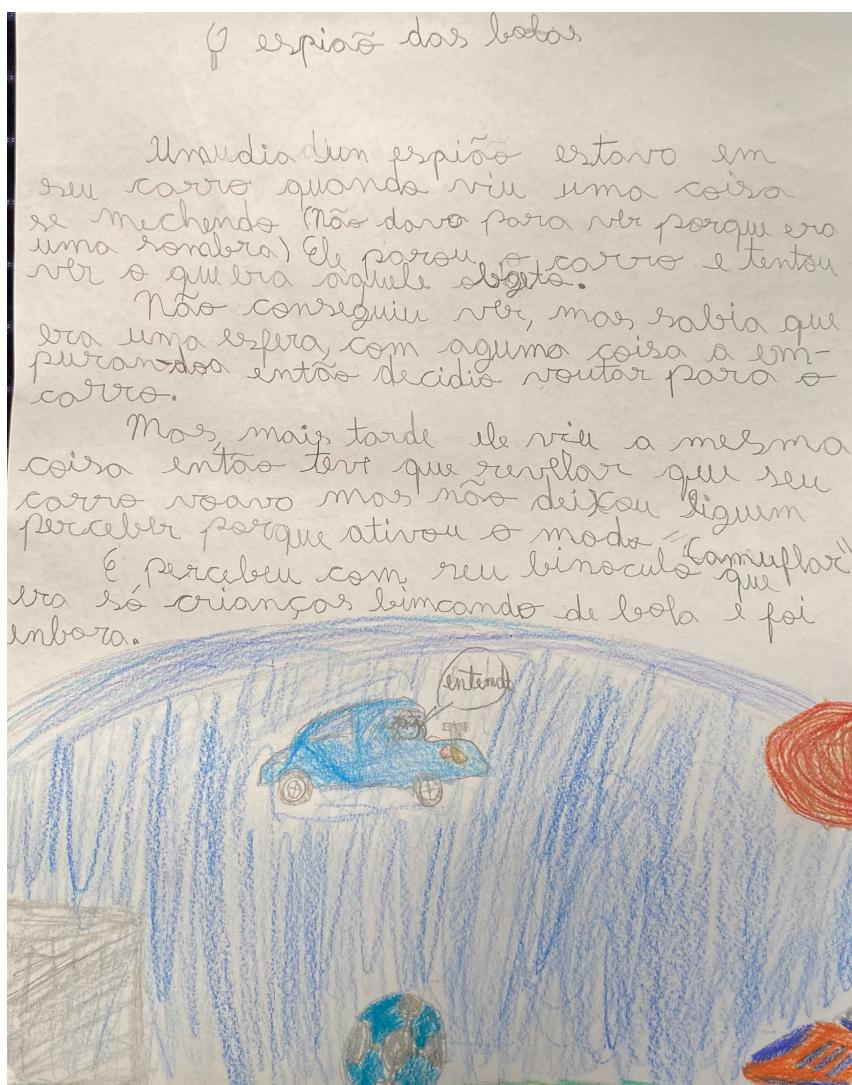
Geraldi (1997) afirma que a redação se assemelha à escrita artificial, a um treinamento para fins avaliativos que não atende às condições de produção do aluno e um sentido para o escrever. Pensamos que essa reflexão alcança relevância em maior grau nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, justamente esta fase que requer um sentido para a criança. Além disso, podemos relacionar como ocorre a imersão em uma ideologia dominante, preconizante de uma escrita mecânica e marcadamente assumida por algumas instâncias educacionais. Por outro lado, os contos de fada, gênero da esfera literária, também aparecem na composição de seus ditos, demonstrando a influência de sistemas mais formalizados.

Acreditamos, isto posto, que mesmo ocorrendo a sobreposição de elementos cotidianos na escrita de M, uma criança de 8 anos de idade, ecoam vozes de outros campos da atividade humana dos quais a criança faz parte, uma vez que “todo signo, inclusive o da individualidade, é social” (Bakhtin, 2006, p. 58), sendo a sociedade, como um todo, influenciada pela superestrutura.

Para finalizar, cabe a nós salientar que no momento da interação, o estudante dos Anos Iniciais se constitui como autor de seus dizeres, colocando-se de forma autônoma em busca da escrita do texto. O texto de M carrega marcas de suas vivências, experiências, de seu olhar para com um mundo, apresentando-se como um sujeito em constituição. Em seu “FIM”, em caixa alta e destacado, emerge, tal como na estrutura típica dos contos de fadas, todo o caminho construído e trilhado em seus dizeres. Isso porque para Bakhtin, a existência implica na necessidade inescapável de responder ao mundo, uma vez que o sujeito não tem álibi na existência (Bakhtin, 2010). Desse modo, responder ao mundo não se trata de uma escolha e sim de uma condição para a existência.

Agora continuemos nosso percurso ao olhar para a segunda produção escrita:

**Figura 2:** Produção Textual de L



**Fonte:** Elaborada pelas autoras.

Olhamos, agora, para a Figura 2, escrito por L, criança de 9 anos também moradora de Florianópolis (SC) e aluno do 4º ano de uma escola pública federal. De prima, nos intriga a composição estrutural da narrativa, iniciada com um título “O espião das bolas”. É relevante levantarmos a criatividade de L ao produzir uma chamada curiosa, assemelhando-se a algum conto ou fábula.

A Figura 2, diferentemente da primeira, traz marcas de paragrafação e pontuação de forma recorrente. No primeiro parágrafo, a criança introduz a situação, não deixando de situar, de certo modo, o tempo e o espaço traçados pelas construções “um dia” e “em seu carro”. A situação inicial dá continuidade à narrativa de suspense já adiantado no título: o espião vê algum objeto se movendo, mas o leitor (e o personagem) não sabem do que se trata. A criança, na tentativa de escrever “objeto”, deixa borrões de apagamento, o que, como já exposto anteriormente, consideramos de bastante importância na relação da escrita em fase de constituição.

No segundo parágrafo, o espião, destarte, não consegue identificar do que se tratavam os movimentos, mas julga ser uma “esfera”. O uso deste vocábulo nos dá rastros de conhecimentos adquiridos pela criança: o conceito de “esfera”. L “respira” futebol rotineiramente, o que se manifesta, no uso deste conceito, em conhecimentos específicos desse campo, por meio de traços de sua cotidianidade. Outra marca estilística que nos chamou a atenção foi o uso de “encontrando-a”. Apesar de L fazer a separação silábica da palavra de modo equívoco, o mesmo nos mostra o domínio de uma linguagem não tão corriqueira, mas sim usada em ambientes mais formalizados. Isto nos auxilia na concepção da linguagem em movimento dialógico entre cotidiano e dominância, através da plurivocalidade emergente das distintas esferas da atividade humana das quais o estudante participa. Quando pensamos em sistemas ideológicos formalizados, como o escolar e/ou artístico, consideramos que “constituem-se a partir da ideologia do cotidiano e, uma vez constituídos, exercem forte influência sobre esta, dando-lhe o seu tom” (Acosta Pereira; Rodrigues; 2014, p. 179).

Novamente, acreditamos ser importante dizer que sabemos, ao menos um pouco, sobre a realidade sócio histórica deste pequeno autor. Filho de uma professora de língua portuguesa, é cercado de influências literárias, sobretudo histórias infantis. Assumimos, pelos sinais deixados em sua escrita, que seu cotidiano se aflora em seus dizeres, ofertando combustível para sua imaginação. O tema da história mescla

situações cotidianas, comezinhas, a imagens imaginárias, fantasiosas. Como bem exposto por Geraldi (2010, p. 170) “A produção de um texto começa muito antes das atividades propostas em sala de aula. O convívio com o mundo da escrita, a leitura e a prática da discussão são elementos importantes no processo de constituição do sujeito autor de seus textos”.

No terceiro parágrafo fica evidente a temática fantástica através de construtos como “modo camuflar”. Acreditamos que há influência de obras literárias lidas para/pelo o autor ou mesmo de desenhos animados que tem contato. Evidenciamos, para tanto, as marcas cronotópicas bem como a ideologia cotidiana em seus dizeres. “A ideologia do cotidiano seria essa ideologia que nasce e se desenvolve na vida, sendo concebida como processo orgânico integral, como totalidade, como heterogeneidade pura, como temporalidades diversas [...]” (Narzetti, 2013, p. 376).

No último parágrafo, L faz uma construção que quebra com as expectativas dos leitores: durante todo o seu escrito é criado, por meio da palavra, um clima de suspense que rodeia o que seria o objeto, todavia, no fim das contas, era algo banal, cotidiano, reforçado pelo uso de “apenas”. Acreditamos ser um artifício da escrita, uma vez que a criança consegue escrever uma situação intrigante e a finaliza de maneira cômica.

O que a criança salienta é seu modo único e genuíno de dizer a sua própria palavra, palavra de um sujeito singular que buscou, através de suas próprias experiências sociais de escuta e leitura da palavra estética e a trouxe para a sua vivência escrita. L toma uma posição discursiva de um sujeito aprendiz de sua língua materna e se posiciona como autor, suscitando nas leituras as suas contrapalavras. Acreditamos que L dá vida e voz, através do texto, às suas vivências com a literatura, uma esfera mais sistematizada, objetificando um outro mundo pela ficção, tendo também influência, claramente, da ideologia cotidiana.

## Considerações Finais

Como exposto por Geraldi (2010, p.169), “[...] nos textos se encontram os rastros da subjetividade, das posições ideológicas e das vontades políticas em constantes atritos.” Na esteira da teoria bakhtiniana, nos propomos, neste trabalho, a levantar o encontro de vozes ecoadas em escritos de duas crianças do Ensino

Fundamental – Anos Iniciais, trilhando os rastros deixados em suas produções acerca da ideologia cotidiana, sem, no entanto, negar o influxo de sistemas formalizados, tal como a escola e a literatura. O sujeito, mesmo em sua fase inicial de vida, se inscreve como um ser individual e ao mesmo tempo como um sujeito histórico, permeado da sua realidade sócio- discursiva.

A nossa movência interpretativa foi assumida através de um posicionamento heterocientífico diante de nosso objeto – o texto – seguindo rastros em busca do signo ideológico. Ao resgatarmos Bakhtin (1997), concebemos que interpretar é correlacionar textos, compreendendo-os e colocando-os em relação a outros textos. Ademais, nesse movimento, posicionamos os escritos em novo contexto, o nosso contexto contemporâneo, do ato vivido das pesquisadoras. O trabalho com o cotejo, em suma, é além de ato de interpretação, ato de criação.

Partimos, desta maneira, do pressuposto que “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 309), sendo impossível dissociá-lo da ideologia, na medida que “[...] o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes” (Bakhtin, 2006, p. 30). Deste modo, nossa opção metodológica, o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), nos deu base para uma análise do texto em sua integridade, seguindo os indícios deixados pelos estudantes dos Anos Iniciais e percebidos pelas pesquisadoras. Delineamos os dizeres, marcas, estilos, composições, borrões e vivências, evidenciando a alteridade dos interactantes e as marcas cronotópicas de seus ditos.

Assim como médicos em busca da resolução de uma enfermidade, quisemos desvendar como a ideologia é materializada, através da escrita, nos signos ideológicos de autores do Ensino Fundamental, moradores da cidade de Florianópolis. A metodologia indiciária nos permitiu olhar, também, para enunciados carregados de experiências próprias e visões de mundo tanto do *eu* como do *outro*, deixando espaços abertos para interpretação. Em síntese, os textos aqui analisados – dentro do seu contexto, espaço e tempo – estabelecem diálogos com o já vivido, a experiência e com as formas de interação humana, sobretudo no âmbito da esfera cotidiana, mas também na esfera literária e/ou escolar. No Texto 1, fica evidente o predomínio de marcas cronotópicas e da ideologia de seu cotidiano, ao passo que já ocorre influência da ideologia dominante no modo de concepção da escrita da criança e na construção composicional de seus escritos. Já no Texto 2, a ideologia cotidiana

também se concretiza em seus dizeres, ao mesmo tempo que notamos convívio com esferas mais sistematizadas, tal como a literária. Não podemos deixar de concluir, para tanto, que mesmo crianças ainda nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental já estão imersas numa relação dialógica e constitutiva de ideologias existentes em uma dada sociedade, sendo que o signo ideológico – a palavra – evidencia-nos, através de pequenos vestígios, tais relações. Do mesmo modo, as narrativas dialogam com seu interlocutor, as pesquisadoras, fornecendo questionamentos e possíveis respostas preenchidas pela singularidade do lugar que ocupamos no mundo. Assim sendo, a análise se abre em suas infinitas possibilidades de interação entre as palavras dos pequenos autores, redefinindo-as em nossas próprias palavras.

## Referências

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322014000100011>.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997, 230 p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo, SP: Ed. Unesp/Hucitec, 1998 [1975], 440 p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2006, 208 p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. 1a. ed. [Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010, 160 p.

BORTOLOTTO, Nelita; GIOVANI, Fabiana. A criança em processo de alfabetização: quando a criança teoriza a vida vivida pela linguagem. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 8746-8756, jan./mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e86766>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DELL`ISOLA, Regina Lúcia Péret. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, Izabel. (org). **As múltiplas facetas da linguagem**. Brasília: UNB Editora, 1996, p. 69-75

GERALDI, João Wanderley. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 115-188.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 81-101.

GERALDI, João Wanderlei. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe (org). **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

GINZBURG, Carlos. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GIOVANI, Fabiana. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 250f. Tese [Doutorado]. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

GIOVANI, Fabiana. Transgrediente na pesquisa em ciências humanas: o paradigma indiciário. In: SERODIO, Liana; SOUZA, Nathan Bastos (org). **Saberes transgredientes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 129-144.

GIOVANI, Fabiana. **Coeduca** - O enfoque prático da alfabetização como um processo discursivo. 1a. ed. São Carlos, SP: PNAIC UFSCar, 2009, 83 p.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). **Palavras e contrapalavras**: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. 2a. ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009, 112 p.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 167-176.

NARZETTI, Cláudia. A filosofia da linguagem de V. Voloshinov e o conceito de ideologia. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 57, n. 2, p. 367-388, jan. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4646>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

SERIOT, Patrick. Generalizar o único: gêneros, tipos e esferas em Bakhtin. **Revista Línguas**, v. 12, n. 3, p. 75-102, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao21/cronicas.html>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. Que é a Linguagem. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da Enunciação e Outros Ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 266-305.

## Notas

\* Licenciada em Letras- Língua Portuguesa e Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, <https://orcid.org/0009-0004-1556-7912>, danielacampregheferreira@gmail.com.

\*\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Professora da Universidade Federal de Santa Catarina vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/UFSC) e ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), <https://orcid.org/0000-0002-5887-1058>, fabiana.giovani@ufsc.br.

<sup>1</sup> Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Ensino Fundamental – Anos Iniciais compreende do 1º ao 5º ano, sendo que “Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças [...]” (Brasil, 2018, p. 59). Por uma coerência terminológica, escolhemos nos referir aos textos analisados neste artigo como de crianças do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, uma vez que uma se encontra no 3º ano e a outra no 4º ano do Ensino Fundamental, englobando, portanto, a etapa dos Anos Iniciais. Salientamos, ainda, que apesar de preconizado pela BNCC que “Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabetica de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (Brasil, 2018, p. 59), a alfabetização transpassa outras etapas do Ensino Fundamental, como é o caso dos textos apresentados.

<sup>2</sup> Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. “O ser reflete no outro, refrata-se. [...] E esse processo não surge da própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signs.” (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2009, p. 13, grifo dos autores). Ainda como exposto pelo grupo na obra “Palavras e Contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin”, na filosofia bakhtiniana, a noção de alteridade se relaciona com pluralidade, heteroglossia, polissemia, muitas vozes, ideologia. “Em ‘Estética da Criação Verbal’, Bakhtin afirma que ‘é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições’, o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir das relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é fundamento da identidade” (Idem, 2009, p. 13, grifo dos autores).

<sup>3</sup> “Era uma vez um menino que adorava jogar bola. Então ele ficou cansado então ficou vendo o seu celular e ficou jogando e depois seu pai buscou ele foi para casa e depois ele viu uma pessoa estranha e viu mais de perto com seu binóculo. Ele não reconheceu essa pessoa. Fim.”

<sup>4</sup> A criança ainda não domina completamente o sistema ortográfico da língua, mas participa de propostas escritas desde o início do processo de ensino escolar. Cabe pontuar, ainda, que parte de seu processo de alfabetização foi realizado remotamente devido ao período pandêmico da Covid-19.

<sup>5</sup> Ainda no momento da coleta, as pesquisadoras pediram que a criança lesse em voz alta o texto, para que assim compreendessem alguns escritos, que foram apontados logo abaixo das palavras incompreensíveis e estão transcritos na nota de rodapé n° 5.